

AGENDA ESCOLAR: UMA FERRAMENTA PARA O OFÍCIO DO ALUNO

SILVA JÚNIOR, J. P. da¹, COSTA, A. S. da², MONTEIRO, K. S.³,

¹ Professor do IFSULDEMINAS campus Machado

² Professor do IFSULDEMINAS campus Machado

³ Bolsista FAPEMIG BicJr.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou desenvolver o protótipo de uma agenda escolar. Verificou-se a necessidade de criar uma ferramenta para auxiliar a organização da vida escolar em função da enorme qualidade de tarefas que o aluno de nível médio do IFSULDEMINAS tem que gerenciar. Além disso, percebeu-se também que a maioria dos alunos não desenvolveram suficientemente sua habilidade de organização desses compromissos, o que pode prejudicar seu desempenho escolar.

Para se ter uma ideia dessa necessidade, basta considerar que o aluno de nível médio ao longo de seu curso realiza sem exagero 200 provas durante 600 dias letivos, sem contar trabalhos, deveres e outros compromissos que preenchem uma jornada dupla de estudo.

Entretanto, as ferramentas de que dispõem para organizar toda essa quantidade de tarefas não são utilizadas com frequência, principalmente em função da falta de hábito. A agenda como ferramenta na organização da vida escolar do aluno poderia tornar sua experiência de aprendizado mais proveitosa e até menos estressante.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Perrenoud (1995), o aluno desempenha na escola um ofício específico de sua condição. Ele aprende na escola não só os conteúdos próprios de cada disciplina, aprende também a ser aluno. Confirmando esse ponto de vista, Elizabeth Teixeira (2000, p. 60) afirma que

O ofício de aluno é aprendido, disso não tenho dúvidas. É aprendido no dia-a-dia, ao longo dos meses e anos em que estamos dentro, e fora também da escola, na infância e na adolescência. Há um saber e um saber-fazer embutidos nesse ofício que é aprendido, e também pode ser ensinado. Esse ofício tanto é um aprender das disciplinas e conteúdos como das competências transversais (estudar, ler e escrever). Ao se aprender esse ofício, se aprende a ser cidadão, ator social e trabalhador.

Ainda conforme Perrenoud (1995), este ofício possui traços bastante singulares. É um trabalho não remunerado, é obrigatório e exercido de maneira muitas vezes desinteressada. Entretanto, o aluno aprende também as maneiras de não ser, cumprindo os rituais de um fingir ser aluno que aprendeu na própria escola. Observa-se, nessa condição de ser e fingir ser, um despreparo do aluno em relação ao cumprimento desses objetivos. É frequente entre os professores as reclamações relativas à falta de organização e conseqüentemente à ausência de compromisso. São datas não memorizadas ou não agendadas pelos alunos. São comuns os relatos de situações em que alunos se surpreendem em sala com a prova que terão que fazer no dia. Isso é bastante sintomático em relação ao saber aprender ou ao aprender a aprender. Se os alunos não trazem este hábito de sua formação fundamental, não há por que não prepará-los para as competências de auto-gestão de sua aprendizagem.

Este ponto-de-vista baseia-se no entendimento de que a formação escolar é um processo em que atuam diversos agentes, especialmente professores e alunos. Este deve, com o auxílio profissional de um mestre, refletir e avaliar suas experiências. Para esclarecer esta posição podemos nos valer do conceito de autonomia, como defendido por Paulo Freire. A autonomia, para ser alcançada, deve ser construída numa relação pautada pela ética, quando professor respeita a subjetividade do aluno, ou seja, quando esse professor conduz a experiência do aluno sabendo que este é agente de seu próprio aprendizado.

Entretanto, essa reflexão do papel do aluno pelo professor é incompleta se este não tem conhecimento das ações discentes que auxiliam aquele na condução da aprendizagem. Conhecer as práticas dos alunos, seus hábitos de estudo deveria ser um objetivo para o professor, e um compromisso da escola oferecer os instrumentos para que o aprender a ser aluno se efetive de maneira a potencializar sua experiência escolar. É nesse sentido que a criação de uma ferramenta de organização da vida escolar, como a agenda do aluno, se torna relevante, à medida que contribui para a formação do aluno em seu ofício e aprendizado.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Numa primeira etapa de realização da agenda, foi elaborado um questionário para avaliar a necessidade da agenda. Procurou-se conhecer o nível de organização da vida escolar praticada pelo aluno e a relevância dessa organização para ele. Esse questionário constituído de 6 perguntas objetivas foi aplicado a 70 alunos do nível médio. Essa amostragem correspondeu a aproximadamente 15% do público-alvo da pesquisa.

Constatada a necessidade da agenda, foi elaborado, numa segunda etapa, outro

questionário para se conhecer as preferências dos alunos em relação a alguns aspectos da editoração da agenda, como o tipo de fonte, a organização do conteúdo e seções e informações mais relevantes. Foram aplicados 30 questionários em que os estilos e conteúdos eram avaliados em escala.

Por fim, respeitando os resultados obtidos nesse segundo questionário, passou-se à editoração da agenda em protótipo. Para se chegar a esse produto, foi utilizada uma ferramenta gráfica *open source*, o Scribus (2008), que permite realizar a editoração de maneira bastante flexível. Esse protótipo servirá de base para a arte final e para que, havendo interesse em produzir a agenda, ela seja o reflexo das necessidades e desejos de seu usuário.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro questionário aplicado sondou o nível de organização da vida escolar. Percebeu-se um número muito elevado de alunos que não têm o hábito de anotar seus compromissos ou fazem isso de maneira incompleta. Estes foram 34% dos entrevistados. Este valor foi confirmado quando foram perguntados sobre como se lembravam dos dias de provas e trabalhos. Nessa situação, 38% dos entrevistados responderam que apenas perguntavam ao colega ou observavam no calendário afixado na sala. Tentando relacionar estes índices que refletem o hábito na organização escolar e o rendimento do aluno, verificou-se que 74% deles se saem melhor na prova quando anotaram antecedência o dia do compromisso. Ainda confirmando este último dado, verificou-se que 30% dos entrevistados se prejudicam com frequência por não anotarem datas de entregas de atividades. Quanto à necessidade da agenda, 91% responderam que a agenda seria útil para a vida escolar.

Os resultados do segundo questionário indicaram as preferências em relação às formas a serem utilizadas na editoração da agenda. O primeiro elemento a ser avaliado foi o tipo de fonte. Foram apresentadas cinco fontes diferentes a serem classificadas numa escala de notas de 1 a 4. Cada voto foi multiplicado pela nota atribuída alcançando cada fonte uma pontuação particular. As fontes que mais pontuaram foram a Comic Sans MS, com 123 pontos, e a ItalicT, com 119 pontos.

Outro elemento formal apresentado para a avaliação foi o leiaute da agenda. Foram apresentados dois tipos. Um primeiro, convencional, como nas agendas comuns com linhas para anotação de cada dia e um segundo, modelo alternativo, com um quadro mensal e linhas de anotação para cada dia. Este segundo se baseia na experiência prévia dos alunos que já utilizam um quadro de avisos fixado em sala. A pontuação do segundo modelo foi bastante

superior somando 136 pontos contra 75 do modelo tradicional.

Um terceiro elemento sondado pelo questionário foi o conteúdo a ser colocado na agenda. Além de seções básicas como telefones e emails, conseguiu-se perceber outras seções relevantes para o aluno nesta ordem: lista de telefones úteis, questões do Enem para treino, dicas e fórmulas, mapa do sul de Minas, tabela para registrar notas e tabelas de gastos mensais. Além disso, foram registradas algumas sugestões a serem incorporadas: calendário escolar, registro de horas pagas dos projetos da escola e endereços úteis na cidade.

Estes resultados foram essenciais para a editoração da agenda, o que foi feito com a utilização de uma ferramenta gráfica, o Scribus, na versão 1.3.6. Esta ferramenta permitiu implementar os resultados de forma a orientar a arte final do produto caso venha a ser produzido em quantidade.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa alcançou seu objetivo, que foi produzir um protótipo de uma agenda escolar como ferramenta de aprendizagem. Este sucesso, no entanto, demonstrou a necessidade que a escola tem de se preocupar não só com o aprender ou o fazer na vida de seus alunos, mas também desenvolver o aprender a aprender, como competência essencial na vida escolar. Espera-se que a agenda possa realmente contribuir para a formação do aluno, mas que ela desperte também nos profissionais da educação a vocação para desenvolver novas ferramentas que possam potencializar as ações que se desenvolvem no ambiente escolar.

6 REFERÊNCIAS

LINNELL, P; RINGER, C. SCRIBUS. Quate.net's Portable Scribus 1.3.3.12. 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto, Editora, 1995.

TEIXEIRA, Elizabeth. **Competências transversais para o ofício de aluno**: a metodologia acadêmica em questão ou quando estudar, ler e escrever, faz a diferença. Revista Trilhas, nov., 2000, v.1, n2, p. 28-37.